



Co-funded by
the European Union



Agência Nacional
Erasmus+ Juventude/Desporto
Corpo Europeu de Solidariedade



Projeto Número: 2022-1-PT02-KA220-YOU-000087351



The SeHeMe

LIVRO DE ESTUDOS DE CASO

Financiado pela União Europeia. No entanto, as opiniões expressas são apenas do(s) autor(es) e não refletem necessariamente as da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas pelas mesmas.

INTRODUÇÃO

A terceira atividade desenvolvida no âmbito do Pacote de Trabalho 2 do projeto SEHEME é o livro de Estudos de Caso SEHEME.

O objetivo desta terceira actividade foi recolher narrativas de migrantes, transformá-las em histórias e demonstrar o seu impacto positivo para proporcionar um sentimento de ressonância na sociedade de acolhimento. Isto funcionará para desconstruir qualquer estigmatização e constrangimento social.

O parceiro que lidera esta atividade, a Universidade Lusófona – COFAC, desenvolveu uma proposta de plano de investigação que fornece o enquadramento teórico (baseado em três pilares de investigação, nomeadamente Investigação Orientada para a Diversidade, Investigação Narrativa e Investigação Ação) para as diferentes fases do trabalho - com explicações detalhadas e indicação dos diversos documentos a serem produzidos e utilizados pelos parceiros.

O primeiro passo foi criar uma rede de instituições parceiras (cada parceiro SEHEME indicou 5 instituições) que trabalham com migrantes e refugiados em cada um dos países do consórcio. Estas instituições ajudaram a divulgar uma convocatória de participantes para que os parceiros do consórcio pudessem identificar e selecionar os participantes que seriam entrevistados e contariam as suas histórias. Assim, a Universidade Lusófona – COFAC liderou um esforço para criar um modelo de instituições participantes e uma convocatória para que modelos de participantes individuais fossem utilizados por todos os parceiros do consórcio.

The 3rd ACTIVITY





Agência Nacional
Erasmus+ Juventude/Desporto
Corpo Europeu de Solidariedade



Co-funded by
the European Union



Após a identificação e seleção dos participantes com a ajuda da rede de instituições, realizaram-se entrevistas com o objetivo de recolher os casos de sucesso dos participantes (jovens refugiados e migrantes). Para o efeito, a Universidade Lusófona – COFAC elaborou um Formulário de Consentimento Informado no qual os participantes foram informados sobre o projeto e preparados para participar. Foram também elaborados outros dois documentos, nomeadamente a Estrutura e as Orientações para as Entrevistas.

Serviram como manuais com informações sobre a estrutura definida para as entrevistas e dicas de boas práticas.

A etapa seguinte foi escrever as histórias que são apresentadas neste livro – que também estará disponível nas diversas línguas dos países dos parceiros do consórcio.

Este livro contém 14 estudos de caso que descrevem as diversas motivações para migrar, os desafios encontrados nos países de acolhimento e como estes foram ultrapassados. Originalmente, o livro deveria ser composto por 10 estudos de caso, mas como as histórias eram tão interessantes e dignas de serem contadas, decidimos incluir mais quatro. O objetivo foi tentar apresentar diferentes pontos de vista, diferentes nacionalidades, diferentes países de origem e diferentes motivações para imigrar. Os estudos de caso não foram classificados por país, mas esse detalhe é facilmente detetado nas histórias. A sequência em que são apresentados é puramente aleatória e os nomes completos não foram utilizados por questões de confidencialidade. Além disso, a extensão dos estudos de caso não é a mesma para todos, principalmente, porque alguns dos migrantes e refugiados entrevistados tiveram dificuldade em falar sobre as suas vidas. Não quiseram partilhar muitos detalhes e os entrevistadores foram sensíveis ao não pressioná-los a fazê-lo. Para uma breve visão geral dos estudos de caso, começamos com alguém que imigrou da Índia para a Irlanda para estudar Direito na universidade; a pessoa descreve todas as características culturais do seu país de origem. A segunda é sobre alguém que vem da Suazilândia, fugindo da guerra, uma enfermeira que procura asilo na Irlanda.

03



A história que se segue é sobre um brasileiro que recebeu uma oferta de emprego para trabalhar em Portugal e mesmo tendo uma vida muito estável no Brasil, um bom emprego, e nunca tendo pensado em imigrar, decidiu tentar a sorte na Europa - sendo essencialmente movido pelo desejo de deixar uma vida sem o nível de violência que existe no Brasil. O jovem fala sobre como se sente livre e feliz por poder ir a qualquer lugar, a qualquer hora, sem temer um ataque fatal que lhe roube a vida. Klevis, Stefka e Kinan têm origens muito diferentes e oferecem-nos uma visão das suas jornadas num novo país. Também têm perspectivas diferentes sobre as motivações para imigrar. Klevis, um jovem albanês de 18 anos, imigrou para a Grécia quando tinha apenas dois anos, mas por falar uma língua diferente, sempre se sentiu discriminado e a sua vida foi muito difícil. Quanto a Stefka, uma jovem búlgara, começou a trabalhar cedo no seu país de origem e imigrou para a Grécia. Trabalhou muito, aprendeu grego, tornou-se enfermeira e casou-se com um grego, mas, ainda assim, diz que se sente discriminada. Kinan é um estudante de medicina libanês que vem de uma família abastada. Mesmo assim, não tinha meios para sustentar os seus estudos no Líbano. Fala várias línguas e, apesar disso, é muito difícil encontrar emprego. Envolveu-se em trabalho voluntário como consultor médico ajudando refugiados e migrantes que chegaram à Grécia por via marítima. Uma jovem italiana, que trabalha na cooperação e desenvolvimento internacional, oferece uma perspetiva totalmente diferente. Trata-se de uma europeia que foi para a Tunísia para ajudar migrantes de outros países a integrarem-se num país terceiro. A história que se segue é sobre um jovem vindo da Faixa de Gaza com uma bolsa para estudar no estrangeiro. Queria ser veterinário, mas, infelizmente, por motivos financeiros não conseguiu. Mas casou-se com uma jovem tunisina, abriu um negócio de comida de rua e tornou-se extremamente bem-sucedido. A última história é sobre uma mulher e a sua jornada rumo a uma vida bem-sucedida noutro país

Estas histórias são excelentes exemplos de diversidade em termos de motivação para imigrar, diferentes antecedentes profissionais, sociais e económicos, vários problemas enfrentados nos países de acolhimento como aprender uma nova língua e lidar com toda a burocracia envolvida no processo de legalização. Além disso, as diferenças culturais são mencionadas como factores que dificultam o processo de inclusão e fazem com que os imigrantes se sintam discriminados. Mas o que a maioria destas histórias também nos ensinou é que de alguma forma as pessoas encontram forças para superar todas estas dificuldades e acabam por se integrar e ter sucesso em países estrangeiros.

Quanto aos materiais educativos que deveriam originalmente ser incluídos neste folheto, os parceiros decidiram incluí-los no curso eletrónico de Língua Estrangeira para Alfabetização Mediática.

Esperamos que o folheto de estudos de caso da SEHEME cumpra o seu propósito de dar visibilidade aos migrantes e refugiados e ajudar as sociedades de acolhimento a mudar a forma como olham para os recém-chegados, mostrando que podem ser pessoas de sucesso que contribuem para a construção de uma sociedade melhor.



Agrima

Palavras-chave: estudante universitário, empatia, migrante, saudade, valores culturais

Resumo

Agrima, uma estudante indiana que estuda direito na Irlanda, reflete sobre a sua viagem da Índia para estudar no ensino superior.

Agrima explora a responsabilidade enraizada nas culturas indianas de cuidar dos pais na velhice, transformando-a numa pessoa empática. Motivada pela busca de um futuro melhor, migrou para a Irlanda. Inicialmente enfrentando desafios na formação de ligações, mas eventualmente encontrando o seu caminho e fazendo amizades próximas com outros estrangeiros e apreciando o equilíbrio entre vida pessoal e profissional na Irlanda. Enquanto luta contra as saudades de casa, Agrima encontra consolo nos sabores familiares da culinária indiana no estrangeiro. Por último, incentiva outras pessoas a viajarem, especialmente para países europeus, para alargarem as suas perspetivas sobre a vida.

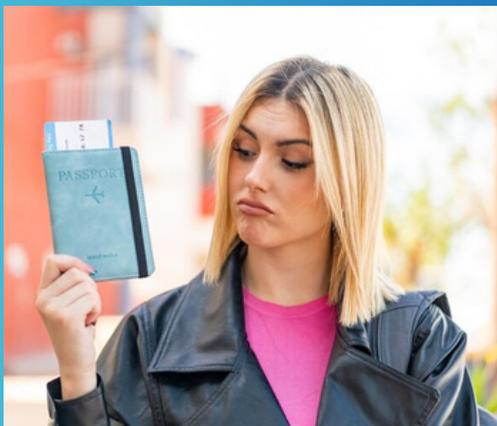
HISTÓRIA

Tendo vindo da Índia há quatro anos, Agrima veio para a Irlanda para prosseguir o ensino superior e está actualmente a estudar Direito na universidade. Na Índia, já tinha feito um mestrado em economia e a ideia de estudar no estrangeiro sempre esteve na sua mente. E a Irlanda é conhecida pelo seu ensino superior, por isso, Agrima aproveitou a oportunidade e optou por continuar os seus estudos na Irlanda.

Voltando à infância e à juventude, Agrima cresceu com dois irmãos mais velhos e dois pais amorosos, juntamente com os avós. Embora não seja da conta de ninguém questionar por que os seus avós viviam com eles, ela explicou que os fortes laços familiares e a noção de piedade filial na Índia influenciaram a vida dela e da sua família. Tendo crescido numa família bastante grande, Agrima refere que era “a mais mimada”, pois também era a mais nova da família e acrescenta que teve uma infância agradável no Punjab, na Índia. É importante referir que a rica herança cultural da Índia e as responsabilidades e o amor para com os pais desempenham um papel significativo na vida adulta. Tal como mencionado acima, a noção de piedade filial e o respeito pelos mais velhos nas culturas indianas, chinesas e noutros países asiáticos são levados a sério. Significa que devemos sustentar os pais na velhice e após a morte, é nosso dever retribuir aos nossos pais quando estivermos na vida adulta e tivermos os meios para retribuir ou pagar dívidas aos nossos pais. Aqueles que optarem por cortar os laços com os seus pais nestas comunidades serão tratados como párias e condenados ao ostracismo pela sua comunidade. Embora seja uma enorme responsabilidade colocada sobre os ombros desde muito cedo, estas qualidades incutidas em Agrima deram-lhe as competências para se relacionar profundamente com outras pessoas. Além disso, isso transformou-a numa pessoa mais empática.

Voltando às razões que a levaram a migrar para a Irlanda, tal como a maioria dos outros imigrantes, eles procuram um futuro melhor que corresponda a melhores oportunidades de carreira, uma vida melhor para eles e para as suas famílias. No início, Agrima teve dificuldade em conhecer pessoas e relacionar-se com elas no novo país por causa dos círculos sociais dos quais não fazia parte. Com o passar do tempo, ela começou a estabelecer ligações com as pessoas ao seu redor. Assim como a maioria das coisas, é preciso tempo e paciência para fazer amigos e adaptar-se ao novo contexto de vida.

Agrima também descobriu que o equilíbrio entre vida pessoal e profissional na Irlanda é muito melhor do que no seu país de origem. Reforçando ainda mais a sua decisão de viver na Irlanda. Além disso, como o inglês é falado tanto na Irlanda como na Índia, Agrima não enfrentou muitos obstáculos na integração na sociedade, em termos linguísticos. Quando questionada se sente falta da família, disse que ela, tal como muitos outros imigrantes, enfrenta muitas vezes as saudades de casa. Diz que sente falta da grande comunidade e do sistema de apoio da sua família e amigos na Índia. Além disso, o que a faz pensar em casa é a comida. Os sabores ricos, as especiarias e a enorme diversidade de comida que existe. É muito reconfortante para alguém que vive no estrangeiro há quatro anos encontrar comida num país estrangeiro que lhe lembre os sabores de casa. Por último, Agrima apelou a outras pessoas que têm meios e oportunidades para viajar o máximo que puderem, especialmente para países europeus, para terem uma ideia de como é a vida e também sobre como poderia ser a vida para se alguma vez quiserem viver uma vida num dos países europeus.



Cindy

Palavras-chave: Requerente de asilo, Direct Provision, isolamento, insónia, restrições de vistos

Resumo

Cindy é uma requerente de asilo proveniente da Suazilândia, tendo chegado à Irlanda em novembro de 2022, fugindo da instabilidade política no seu país. Atualmente, vive ao abrigo do sistema de Direct Provision que fornece alojamento e assistência financeira aos requerentes de asilo. Enfrentou desafios no acesso aos serviços e sentiu-se isolada. Depois de um ano na Irlanda, o emprego ainda continua a ser uma questão difícil devido às restrições de visto.

HISTÓRIA

Embora reconheça melhorias no sistema de asilo na Irlanda, Cindy sublinha uma lacuna significativa entre os serviços disponíveis e a sensibilização entre os asilados. O contacto limitado com as comunidades externas torna difícil aos requerentes de asilo navegarem pelos recursos disponíveis. Apesar do apoio de organizações como o Conselho Irlandês para os Refugiados, Cindy enfrenta problemas de saúde mental e procura agora ajuda profissional. Sofre de insónias e acha desafiador completar as tarefas diárias, mas permanece positiva e envolve-se em atividades para se distrair das circunstâncias. Cindy espera prosseguir o ensino superior na Irlanda, mas enfrenta as despesas do ensino secundário enquanto aguarda o seu estatuto de refugiada. Espera conseguir uma bolsa de estudos num futuro próximo para se qualificar.

Vinda da Suazilândia, Cindy chegou à Irlanda em Novembro de 2022 e desde então vive como requerente de asilo ao abrigo do sistema Direct Provision. Cresceu numa família grande com onze irmãos, sendo ela a mais velha da família. Teve uma infância bastante normal e foi para a escola como todas as outras crianças. Fez a sua licenciatura entre 2002 a 2005 e, desde então, trabalhou como enfermeira no Governo da Suazilândia na Clínica Lobamba. Devido à instabilidade política do seu país, que acabou por afetar o seu trabalho e a sua segurança pessoal, foi forçada a fugir do seu país e procurar asilo na Irlanda. Por ter saído do seu país à pressa, sem muito planeamento, ao chegar na Irlanda, disse que tudo aconteceu rápido, como se tudo estivesse a passar à frente dos seus olhos. Quando chegou à Irlanda, a primeira coisa que pensou foi que o seu bem-estar e segurança não seriam comprometidos naquele país: a salvo da violência e a salvo da guerra na Suazilândia.

Na Irlanda, teve dificuldade em saber onde aceder a determinados serviços e a quem recorrer para pedir ajuda e assistência. Embora tenha enfrentado muitos obstáculos, a língua aqui não foi um problema, já que ela também falava inglês no seu país de origem. Cindy continua a viver ao abrigo do sistema Direct Provision na Irlanda. O Direct Provision é um sistema que oferece alojamento e alguma assistência financeira a requerentes de asilo e refugiados que chegam à Irlanda. Cindy foi colocada nesse sistema imediatamente após entrar no país.

Depois de se instalar na sua nova “casa”, diz que se sentia “isolada” das pessoas que não viviam sob o sistema Direct Provision. E devido ao isolamento e à falta de orientação das autoridades de imigração e realojamento, ela disse que “não sabe o que está disponível, mesmo que o governo o tenha disponibilizado”.

E acrescentou ainda que muitas pessoas na sua posição também sentem o mesmo.

Cindy está na Irlanda há um ano e procurar emprego aqui ainda é um desafio, pois muitos empregadores exigem que os seus empregados tenham um visto de trabalho e não empregam aqueles que possuem o estatuto de requerente de asilo por vários motivos - tais como a incerteza da situação dos vistos dos seus empregados. Quando questionada sobre o que gostaria que o governo e os que estão no poder mudassem ou melhorassem no sistema de asilo, Cindy reconheceu que muitas melhorias foram feitas para facilitar a vida dos asilados. No entanto, referiu igualmente que “existe um fosso entre quem necessita dos serviços e os serviços prestados”, acrescentando que “é difícil saber o que está disponível para nós” e muito menos aceder ao que está disponível. E porque todos os requerentes de asilo vivem juntos no sistema Direct Provision e têm um contacto muito limitado com as comunidades exteriores, ela teve muita dificuldade em saber que serviços estão disponíveis; por onde pode começar, onde pode estudar e candidatar-se a bolsas, como e onde se inscrever, quem contactar e assim por diante. Existem organizações na Irlanda que ajudam refugiados e requerentes de asilo a instalarem-se na sua nova casa, como o Conselho Irlandês para os Refugiados - que Cindy considerou ser de alguma forma útil. Porém, quando questionada sobre o estado da sua saúde mental, afirmou que realmente tem lutado contra isso. Refere que começou a consultar um psiquiatra que lhe receitou medicação. Além disso, sofre de insónias e tem dificuldade em realizar tarefas diárias. No entanto, acorda de manhã e continua positiva e tenta fazer tarefas e trabalhar para evitar pensar muito nos seus problemas e circunstâncias, etc.

Enquanto espera pelo seu estatuto de refugiada, Cindy tenta inscrever-se em aulas académicas e outros cursos para melhorar as suas competências, mas as propinas continuam a ser um problema.

Espera poder candidatar-se a uma bolsa de estudos assim que receber o estatuto de refugiada na Irlanda.



Elsayed

Palavras-chave: saudades de casa, adaptação, decisões migratórias, família, esperança

Resumo

Elsayed, um capitão egípcio de 34 anos, trabalhou no Chipre durante 8 anos, aos comandos de um iate privado em Ayia Napa. Enfrenta barreiras linguísticas e comunica principalmente em inglês com os turistas. A experiência marítima da sua família motiva-o a aspirar a cargos mais elevados. Apesar de gostar de Chipre, Elsayed tem dificuldade em decidir entre ficar no Egipto ou procurar novas experiências noutra parte. Elsayed reflete sobre os desafios da imigração e da adaptação a novas culturas, dividido entre a familiaridade e a exploração.

HISTÓRIA

Elsayed, conhecido como Sayed, é um homem de 34 anos e o mais novo de cinco irmãos da sua família. Tem três irmãs e um irmão. Nasceu e foi criado no Egito, numa cidade perto de Alexandria, Dumyat, e construiu uma carreira de sucesso como capitão profissional. A vida no Egito não foi fácil, como disse Sayed, porém ele gostava de lá viver. As pessoas são pobres, mas têm bom coração, são gentis e estão sempre dispostas a ajudar os outros.

Elsayed trabalha e vive no Chipre há quase 8 anos, desde maio de 2017 em Ayia Napa, um dos destinos turísticos mais populares de Chipre. A sua profissão é trabalhar como capitão de um iate particular – uma função exigente que o mantém ocupado sete dias por semana. Começa de manhã cedo e termina à noite, já tarde. Especificamente, Sayed trabalha continuamente no Chipre durante 8 meses e depois regressa ao Egito durante 3-4 meses para descansar e para se reunir com a sua família e amigos. Por vezes, até trabalha no Egito, com o navio do seu irmão no Nilo. Mas, assim que a nova temporada em Chipre começa, ele volta às suas funções de capitão.

A sua jornada para uma carreira no mar começou muito jovem. Depois de concluir os estudos, Sayed começou a trabalhar para uma empresa de navegação no Egito. A sua decisão de seguir a carreira marítima não foi aleatória. Ele foi influenciado pela ligação profundamente enraizada da sua família com o mar; o seu pai e o resto da família também eram marinheiros, então foi um caminho mais fácil de seguir.

Com o tempo, ele aspirava a ser mais do que um capitão e queria ser um capitão profissional, por isso frequentou a Academia Árabe de Transporte e Marinha no Egito. Antes de vir para o Chipre, Sayed trabalhou em navios de carga, o que também não foi uma tarefa fácil, passando longos períodos no mar, viajando de porto em porto, carregando e descarregando cargas. Esta experiência permitiu-lhe explorar várias partes do mundo e conhecer novas culturas e pessoas, experiência pela qual continua grato.

Vir trabalhar para o Chipre foi uma decisão fácil para ele, já que um amigo egípcio o apresentou à empresa onde trabalha agora. No entanto, a vida no Chipre tem sido desafiadora devido às suas exigentes horas de trabalho. Mas Sayed não reclama, é um homem muito simples e está sempre ocupado. Adaptou-se a este estilo de vida e desenvolveu um gosto pelo mesmo.

Ser capitão acarreta inúmeras responsabilidades, deixando-o com pouco tempo livre para atividades de lazer ou hobbies. Porém, quando consegue ter algum tempo livre, Sayed gosta de relaxar com os amigos e adora ficar sozinho e treinar no ginásio. Ao longo do tempo, fez algumas amizades em Chipre (principalmente com colegas) e aprecia a gentileza da população local. Trabalha com cipriotas, muitos egípcios e outros estrangeiros no porto de Ayia Napa, fazendo-o sentir-se mais próximo do seu país natal, o Egito. No entanto, Sayed entende que Ayia Napa é o destino mais turístico de Chipre, e é por isso que as pessoas tendem a ser mais abertas porque estão habituadas a ver turistas todos os dias.

Sayed não teve muitas oportunidades de visitar outros lugares em Chipre ou interagir com outras pessoas fora do seu círculo de trabalho, principalmente porque não tem tempo para isso. Além disso, em Ayia Napa, as pessoas concentram-se nos seus negócios durante períodos intensivos de 8 meses. Então, quando a temporada termina, a cidade parece uma cidade fantasma durante o inverno.

Embora Sayed compreenda o básico do grego, falar fluentemente continua a ser um desafio para ele. Morar numa zona turística e interagir diariamente com turistas tornou o inglês uma forma de comunicação mais acessível para ele. Também não tem tempo para aprender a língua. O grego que ele sabe, aprendeu durante o tempo que passou no iate.

Qualquer pessoa que conheça Sayed o conhece pela sua forte ética de trabalho, natureza bondosa e espírito ambicioso. O seu objetivo final de vida é continuar os seus estudos e alcançar o posto mais alto de capitão. Embora aprecie a sua vida aqui no Chipre, acredita que talvez o seu futuro esteja noutra lugar. Também gosta da vida no Egito, mas lá, as coisas são muito diferentes. Então, ainda não decidiu o seu próximo destino ou quando, mas está determinado a seguir em frente na vida e a conseguir mais.



Gini

Palavras-chave: desafios, adaptação, discriminação, estudos, lutas

Resumo

Gini, de 26 anos, veio para o Chipre durante a pandemia, enfrentando inicialmente muitos desafios. Mais tarde, viveu com 6 índianos em Nicósia. Enquanto trabalhava em diversas empresas, encontrou discriminação devido à sua nacionalidade e barreiras linguísticas. Sente-se excluído e inseguro e agora está a pensar em mudar-se para o Canadá para ter um ambiente mais inclusivo. Gini valoriza a diversidade e espera aceitação, visando economizar dinheiro para sustentar a sua família. Sonha com um futuro melhor no estrangeiro, mas luta para se integrar no seu novo lar.

HISTÓRIA

Gini é um jovem de 26 anos, natural do Punjab, na Índia. Veio para o Chipre há três anos e meio, durante a pandemia de Covid. Inscrever-se numa universidade no Chipre permitiu-lhe obter um visto de acesso ao país. No primeiro ano, Gini esteve sozinho. Foi difícil para ele porque estava tudo fechado. Não tinha emprego nem amigos. Porém, o tempo passou e conheceu pessoas, fez amigos e conseguiu arranjar um emprego. Gini vive agora com outras 6 pessoas, da Índia, num apartamento em Nicósia. As rendas são muito caras, por isso, decidiu morar com outras pessoas para conseguir pagar a renda, para economizar e mandar algum dinheiro para casa, para a sua família. Além disso, a maioria deles está acostumada, porque, como explicou Gini, a maioria dos seus colegas de quarto viviam assim na Índia.

Viver em casas comunais é algo comum na Índia. Mas este não é o caso de Gini. Viver com tantas pessoas é uma novidade para ele. Em casa, ele vive apenas com os pais e o irmão, tendo o seu próprio quarto. Os seus pais são professores e o seu irmão é casado e vive no Canadá. O seu irmão também deixou a Índia em busca de uma vida melhor no estrangeiro.

Gini falou com grande interesse sobre o seu país e mencionou que a Índia é um país muito bonito. O país é composto por 29 estados e falam-se 48 línguas diferentes. O hindu é a língua oficial e cada estado tem uma língua diferente. Porém, nos casos em que alguém não fala hindu, comunica-se em inglês. Gini descreveu o seu estado natal como um lugar lindo e tranquilo, um destino que vale a pena visitar. No entanto, explicou que a Índia pode ser um país perigoso porque as pessoas não têm educação, o que é um grande problema para o seu país. Disse-nos que o seu estado natal é muito seguro, que as pessoas têm muito bom coração e que ele ficaria mais do que feliz em nos levar até lá e nos mostrar tudo um dia. Normalmente, sente falta da Índia, mas muitos fatores o levaram a querer partir. Como explicou, não há oportunidades para os jovens, não há emprego nem futuro. As pessoas querem estudar e ser alguém na vida. Na Índia, não se consegue fazer isso. Ser o país mais populoso do mundo agrava este problema. Então, como disse Gini, o seu objetivo de vida é ter uma vida melhor e estudar na universidade.

Portanto, há três anos e meio, Gini entrou no avião e 24 horas depois aterrou em Chipre. Atualmente, estuda na universidade, no Departamento de Hotelaria e Gestão. Ao mesmo tempo, trabalha. Trabalha muitas horas em muitas empresas diferentes. Trabalha para empresas teatrais. Gini está muito feliz com o seu trabalho e com as pessoas com quem trabalha. Além disso, refere que o seu salário é bom. No entanto, nem sempre foi assim. No início, teve dificuldade em encontrar emprego e, quando encontrou, o salário era muito baixo. Ser estrangeiro e não saber falar grego levou a isso. No entanto, não desistiu até encontrar algo de que gostasse. Além do mais, teve de deixar de usar o turbante e cortar o cabelo para conseguir encontrar emprego, assim como a maioria dos seus amigos indianos tiveram de fazer para serem contratados. Isto deixou-o triste. É forçado a abandonar as suas crenças para se encaixar na sociedade, mas, mesmo depois de tirar o turbante, as coisas não melhoraram muito. Como explicou, as pessoas não o respeitam nem aos seus amigos. Diz que as pessoas são rudes com ele e não falam com ele tão bem como com as outras pessoas. Quando vai a uma loja, a forma como o tratam não é a mesma como tratam os outros clientes porque ele é indiano. Além disso, comenta a forma como a polícia os trata. São rudes e perguntam onde conseguem o dinheiro, apesar de apresentarem os documentos legais e o número da segurança social. Além disso, expressou o seu medo pela sua vida e pela vida dos seus amigos. Todos os seus amigos têm medo.



Recentemente, um amigo dele foi espancado, só por ser estrangeiro e trabalhar como entregador. Quando questionado sobre o que a polícia fez a respeito desse acontecimento, disse: “Não fizeram nada. Apenas recolheram um depoimento e mandaram-nos embora, sem fazerem mais perguntas sobre a pessoa que havia espancado o nosso amigo. É por isso que temos medo. Todos nós. Sabemos que não há ninguém para nos proteger, ninguém a quem possamos recorrer se algo de mal acontecer para procurar justiça.” Gini entende que nem todos os cipriotas são assim. Conheceu muita gente, e as pessoas que estão ao seu redor no trabalho são simpáticas, mas a barreira cultural e linguística não permite que sejam mais do que colegas. Quando questionado sobre a barreira cultural e linguística, Gini disse que para ele isso não é problema algum. Crescer numa sociedade multicultural onde pessoas com diferentes origens étnicas e religiosas viviam juntas e se respeitavam umas às outras ajudou-o a perceber que todos são iguais, mesmo que tenham cores de pele diferentes, acreditem num Deus diferente ou comam alimentos diferentes. Então, para ele, é fácil adaptar-se a um ambiente diferente, e ele respeita as diferenças, mas para poder provar isso é preciso que lhe seja dada uma oportunidade. Quer sentir que é aceito e que existe respeito mútuo, algo que falta no momento. Gosta do Chipre e gostaria de continuar a viver aqui. Mesmo encontrando dificuldades, financeiramente está melhor do que na Índia. Ficar no Chipre o máximo que puder, mas se sentir que o Chipre não tem mais nada para lhe oferecer, tentará ir para o Canadá, para junto do seu irmão, onde as pessoas o respeitam.



Deison

Keywords: discriminação, orientação sexual, requerente de asilo, integração, trabalho, estabilidade, objetivos futuros

Resumo

Deison é um jovem de 26 anos. A sua nacionalidade é venezuelana, o seu país de acolhimento é Espanha e é requerente de asilo. Possui um diploma do ensino secundário e atualmente trabalha no setor hoteleiro. Gosta da sua independência, do estilo de vida que conseguiu criar para si na Europa, de passar tempo com os amigos e de ir a discotecas.

HISTÓRIA

A jornada de Deison começou há 7 anos, quando deixou o seu país natal – a Venezuela – por causa da sua instabilidade e falta de direitos. Deison sentia-se discriminado devido à sua orientação sexual (homossexual) e também sentia que não poderia desfrutar do estilo de vida que imaginava para si. Assim, o seu principal objetivo sempre foi ser estável emocional e economicamente. Como resultado, mudou-se primeiro para a Colômbia, onde esteve 5 anos. Lá, a sua situação melhorou, mas sentia-se insatisfeito, pois sentia que não estava a atingir o seu objetivo inicial. Além disso, a Colômbia não era tão segura e tranquila como ele pensava. Consequentemente, há 2 anos emigrou para a Europa, para Espanha.

Quando chegou a Espanha, teve um pequeno choque cultural e percebeu que Espanha e Venezuela são muito diferentes. Uma das suas primeiras impressões foi que as pessoas eram mais rígidas do que na Venezuela ou na Colômbia. Apesar disso, gostou muito do facto de em Espanha, segundo ele, o país ser muito organizado. À sua chegada, esta organização fez com que se sentisse mais seguro e também lhe deu alguma esperança de que, por esse motivo, poderia atingir melhor o seu objetivo de ser emocional e economicamente estável. Porém, para atingir o seu objetivo, Deison reconhece que o caminho ainda é longo e complicado. Embora considere o Estado espanhol - e a Europa em geral - mais organizado do que a América Latina, ainda assim, enfrenta problemas de burocracia.

Surpreendentemente, após dois anos a viver em Espanha, ainda aguarda a sua autorização de residência e ainda não tem a certeza se lhe vão conceder asilo. Como consequência, sente-se frustrado porque trabalha e paga impostos como todas as pessoas. Isto faz com que se sinta que está a ser tratado de forma diferente. É por isso que muitas pessoas na sua posição decidem trabalhar ilegalmente (sem autorização de trabalho). Está convencido de que isto afeta negativamente o Estado espanhol, pois há um número crescente de jovens imigrantes que não contribuem economicamente para o país – ao não pagarem impostos. Portanto, como é habitual, a burocracia continua a ser um problema grave na União Europeia, uma vez que não só atrasa muitos processos de administração civil, mas também afeta grave e negativamente a vida de milhares de imigrantes durante o seu processo de integração.

Durante estes tempos difíceis, Deison nunca recebeu qualquer ajuda por parte de instituições ou associações locais, pois sempre lidou sozinho com os seus obstáculos de integração. No entanto, graças à sua abertura com as pessoas, conseguiu fazer muitos amigos da comunidade latino-americana que o apoiaram durante todo o processo de integração. Como tal, apesar dos muitos obstáculos que encontrou e encontrará depois de alcançar a plena estabilidade emocional e económica, ele aconselharia outras pessoas a fazerem o que ele fez - emigrarem.

Deison acha que a sua história pode ser um bom exemplo de inspiração para outros jovens imigrantes que desejam ter uma qualidade de vida melhor, como ele diz: “se eu consegui, todos conseguem!” Está convencido de que todos precisam de construir as suas experiências de vida para terem uma vida boa e feliz, embora o processo para conseguir isso possa ser difícil e longo. Para passar pelo processo de integração, Deison está consciente de que as competências tecnológicas são muito importantes hoje em dia. A tecnologia é crucial para as nossas tarefas quotidianas e, portanto, essencial para obter informações importantes sobre o processo de integração: serviços, linhas de apoio, documentos, marcação de consultas, etc. e informações importantes para os imigrantes sobre o seu processo de integração. Na verdade, Deison classifica a informação prestada aos imigrantes recém-chegados como caótica e insuficiente. Conta que todas as informações importantes que recebeu foram por canais informais – amigos, grupos de WhatsApp e blogues online. Tudo isto foi útil porque conseguiu obter as informações necessárias, mas também teve de lidar com a desinformação. Além disso, considera que um dos fatores mais importantes para passar pelo processo de integração é ter respeito pelo país anfitrião. Acredita que muitos migrantes não estão suficientemente abertos para se adaptarem às tradições, culturas e regras do país anfitrião e, como resultado, tentam ter o mesmo estilo de vida que tinham nos seus países de origem.

Em relação aos seus objetivos futuros, Deison diz que para ele o objetivo mais importante é conseguir que o seu pedido de asilo seja aprovado para que possa deixar de se preocupar com isso e poder concentrar-se no seu plano de longo prazo. Eventualmente, gostaria de comprar uma casa, estudar algo para melhorar as suas competências profissionais e, como mencionado anteriormente, ser emocional e economicamente estável.

A mensagem final de Deison nesta entrevista é para as instituições. Ele acredita verdadeiramente que o processo de pedido dos migrantes (asilo, residência, autorização de trabalho) deveria ser mais eficiente.

Devido à lentidão, está convencido de que o Estado e os imigrantes recém-chegados estão a desperdiçar muito dinheiro e tempo. Estes processos lentos e burocráticos fazem crescer o trabalho ilegal, o que significa que o Estado está a perder dinheiro e os trabalhadores ilegais não têm direitos e não estão protegidos por nenhuma lei. Segundo Deison, este problema deve ser tratado pelas instituições para melhorar o progresso social e económico. Na sua mensagem final, Deison destaca novamente a importância do respeito, ele acredita que “o mundo é perfeito por causa das suas imperfeições”.

Concluindo, Deison está feliz com a sua experiência de imigração porque lhe deu a oportunidade de ser quem realmente é, de se expressar livremente e de estabelecer relações com pessoas que o respeitam e o aceitam pelo que ele é. Apesar dos obstáculos que encontrou durante o seu processo de integração em Espanha, a sua determinação, flexibilidade e abertura ajudaram-no a ultrapassar os momentos difíceis que viveu. Por isso, diz que aconselharia outros imigrantes a fazerem o mesmo que ele, pois vale a pena uma qualidade de vida melhor.



Scarlett

Palavras-chave: Oportunidades, segurança, falta de informação, solidão.

Resumo

Scarlett é uma imigrante chilena que se mudou para Espanha há dois anos e atualmente reside em Madrid. Scarlett é licenciada, tem um mestrado em educação e está atualmente a fazer o seu doutoramento na Universidade Complutense de Madrid. É professora, embora trabalhe no setor administrativo. Nas horas vagas, gosta de ir ao cinema, viajar e dançar.

HISTÓRIA

Scarlett decidiu mudar-se para a Europa há dois anos. Como destino final escolheu Espanha porque não existem diferenças linguísticas entre Espanha e o seu país de origem - o Chile. Queria crescer académica e profissionalmente, por isso tomou a decisão de emigrar para Madrid, Espanha. Escolheu a Espanha como destino, pois o Chile e Espanha possuem diversos tratados políticos e acordos económicos que facilitam os processos de imigração e integração.

A sua primeira impressão quando se mudou para a Europa não foi uma grande surpresa porque já tinha viajado algumas vezes para cá para estudar e em férias. Felizmente, a sua impressão da Europa sempre foi positiva. Isto porque ela se sente muito mais segura em Espanha em comparação com o Chile, onde os roubos e a violência nas ruas são comuns. Também está muito satisfeita com os transportes públicos de Madrid, pois considera que são muito mais acessíveis e organizados do que no seu país. Queixa-se de que o Chile se tornou um país muito caro, onde muitos serviços, como os transportes públicos, diminuíram a sua acessibilidade.

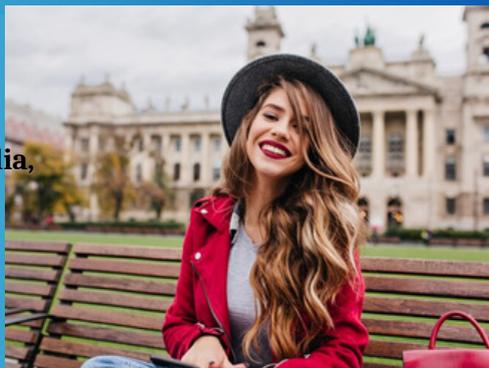
Porém, também admite que a sua qualidade de vida diminuiu em Espanha, já que no Chile, Scarlett tinha casa própria num bairro agradável e um carro, além de bens que não tem aqui em Espanha.

Teve muita dificuldade em encontrar uma casa em Madrid, pois muitos proprietários não querem ceder as suas casas aos imigrantes.

Referiu também que os preços das rendas em Madrid são muito elevados e que, muitas vezes, as pessoas têm de viver em condições muito precárias. Referiu que a sua qualidade de vida piorou à medida que encontrou muitos obstáculos durante o seu processo de integração em Espanha.

Beka

**Palavras-chave: amor, família,
saudades de casa, solidão,
integração**



Resumo

Esta é a história de uma jovem sérvia, Beka, que imigrou para Portugal para se juntar ao seu marido que já vivia no país há cerca de dez anos e que se encontrava totalmente integrado. É a história de um amor e também uma história de integração de sucesso e das suas várias fases.

HISTÓRIA

Beka de 30 anos, sempre viveu na Sérvia, país onde nasceu, nunca pensou que um dia deixaria o seu país para se tornar imigrante. Esta jovem veio para Portugal para se juntar ao seu marido, também ele sérvio, que já vivia no país há cerca de dez anos.

Beka começa por dizer que não gosta muito de falar sobre a sua infância por causa da guerra que assolou o seu país nessa época. Explica que ainda tem algumas lembranças, “não muito bonitas”, nas suas palavras, desses tempos muito difíceis, até porque o seu pai, polícia, infelizmente, participou na guerra. Por isso, não gosta muito de falar do assunto, nem sequer gosta de se lembrar disso, apenas quer esquecer. Prefere focar-se nos tempos e memórias felizes. E, apesar de todos esses momentos difíceis, não deixa de referir que teve uma infância feliz.

Cresceu numa vila, com os pais e a irmã mais nova, primeiro num apartamento e depois numa casa.

Aos 14 anos, idade com que iniciou o ensino secundário, teve de ir viver sozinha para uma cidade perto da sua vila, para poder frequentar a escola secundária. Relembra que foi a primeira vez que se afastou do conforto da sua casa, do aconchego dos seus pais e da sua irmã. Durante quatro anos, viveu longe, dormindo num dormitório e refere, com um grande sorriso, que, apesar de tudo, foi um dos períodos mais bonitos e mais felizes da sua vida. Mesmo estando sozinha, sem a família e o seu apoio e carinho, esse período proporcionou-lhe uma boa oportunidade para aprender muitas coisas, tinha de resolver os problemas que surgiam sozinha, foi o período em que foi obrigada a crescer, tornou-se mais independente, tinha muitos amigos, e estava muito feliz. Recorda igualmente a alegria com que voltava à sua casa todos os fins de semana para passar um tempo precioso com os seus pais e com a sua irmã. Foram tempos muito felizes, que ainda hoje a fazem sorrir, ao lembrar-se. Quando terminou a escola secundária, mais uma vez, tudo mudou. Desta vez, Beka foi viver numa cidade ainda maior para poder estudar na universidade. Voltou a ter de enfrentar dificuldades, conhecer um novo sítio, viver num novo alojamento, manter contacto com os seus amigos e conhecer pessoas novas, fazer novos amigos. O tempo passado na universidade parece ter sido mais fácil, mais leve, do que os quatro anos na escola secundária. Talvez por ser mais velha, de alguma forma, já se tinha habituado a estar longe da família. Com determinação e com uma postura confiante, para a qual tinha contribuído o tempo que passara sozinha, tão nova, durante a escola secundária, Rebeka nunca perdeu o foco nos seus estudos, pois queria conseguir um bom emprego e construir uma vida confortável. E, assim, chegou ao fim do seu percurso universitário, tendo obtido o título de Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas. E como estava orgulhosa do que tinha conseguido com tanto esforço e sacrifícios. E sabia como os seus pais também estavam orgulhosos e isso deixava-a ainda mais feliz. Tendo terminado os seus estudos, chegava o momento de se tornar verdadeiramente adulta, arranjar um emprego, começar a viver o futuro. E assim aconteceu. Rebeka continuou nessa cidade, onde viveu durante cerca de quatro anos. Conta, entre sorrisos, que estava muito contente com a sua vida, pois trabalhava numa farmácia, na área de que gostava e para a qual tinha estudado



Tudo corria bem, sem sobressaltos, não pensava em mudar nada, pelo menos, não naquele momento, saboreava a sua liberdade e sentia-se segura no seu país, com a família e os amigos sempre por perto. Mas eis que conheceu o marido. Apaixonou-se. E “não teve outra hipótese” (risos) a não ser imigrar para Portugal. Sempre com um sorriso nos lábios, recorda as palavras do marido: “ou vais comigo para Portugal ou a nossa história não tem futuro, não pode continuar, porque eu não quero viver na Sérvia, quero continuar a viver em Portugal”.

O seu, na altura, futuro marido estava já plenamente integrado no país onde escolhera viver, tinha o seu emprego, tinha a sua casa, tinha os seus amigos, enfim, toda uma vida que não estava preparado para abandonar, não tinha sequer condições para tal.

Quando confrontada com estes factos, Beka sabia que a sua escolha era óbvia, estava apaixonada, estava feliz, não queria perder a oportunidade de viver esse amor, queria partilhar uma vida feliz, e decidiu casar-se e acompanhar o marido até esse país, no fim da Europa, do qual pouco ou quase nada sabia. Mas, apesar de a escolha de acompanhar o marido ser óbvia, a decisão não foi, nem de perto, nem de longe, fácil. Deixar o seu país, tudo o que lhe era familiar e de que tanto gostava, a sua família com quem sempre teve uma relação muito próxima, foi muito difícil, muito dolorosa. Ainda hoje sente muito a falta da sua família, do seu país, dos seus amigos, enfim, de tudo o que deixou para trás.

Mas ganhou coragem, veio para Portugal. O início da sua vida no país de acolhimento foi vivido com um misto de emoções e sentimentos. A sua chegada ocorreu num momento extremamente difícil, em plena pandemia de Covid-19, mais precisamente, em fevereiro de 2021. O país estava parado, tudo estava fechado, desde lojas a escolas e a serviços públicos, nada funcionava, as pessoas estavam fechadas nas suas casas, não se via quase ninguém nas ruas.

Uma das primeiras coisas que refere quando se lembra de como tem sido o seu processo de integração em Portugal é a burocracia, a dificuldade de tratar de assuntos em serviços do estado. Refere que foi extremamente difícil tratar da documentação, aliás, ainda hoje está à espera de alguns documentos, como a carta de condução, por exemplo. Aguarda por esse documento já há dois anos, com a agravante de que quando volta ao seu país, também não pode conduzir, pois teve de entregar a sua carta sérvia às autoridades portuguesas para emissão da carta de condução portuguesa. Todos os processos administrativos foram muito complicados, com a dificuldade acrescida de não falar português, ainda por cima, num momento em que os serviços públicos praticamente não atendiam fisicamente o público. Menciona ainda o reconhecimento dos seus estudos universitários e respetivo diploma, também esse foi um processo muito moroso.

Submeteu o processo em abril de 2022 e obteve equivalência cerca de um ano depois, reconheceram tudo exceto o estágio que fez no fim do curso de mestrado, estando esta situação ainda por resolver, o que também a impede de procurar um emprego na sua área de formação.

Por tudo isto, diz que a sua experiência com os serviços públicos em Portugal no que se refere ao seu processo de legalização não foi muito positiva, pelo contrário.



Mas refere, com alguma bondade, que talvez tenha sido porque na altura estavam a entrar muitos imigrantes no país, muitos brasileiros, muitos ucranianos e pessoas de outras nacionalidades, talvez tenha sido isso que tenha tornado tudo mais complicado e demorado, explica com simpatia e doçura.

Outra das grandes dificuldades que sentiu quando chegou foi o isolamento em que viveu durante os primeiros meses em Portugal. Os amigos do marido não queriam conviver, pois tinham muito muito medo do vírus, todos estavam fechados em casa, as pessoas saíam apenas para trabalhar e eram uma minoria, apenas as pessoas que trabalhavam nos serviços essenciais e indispensáveis à manutenção do funcionamento, tal como acontecia por todo o mundo, nessa altura. Foi muito difícil para a Rebeka chegar a um país totalmente desconhecido, cuja língua não conhecia, cujos costumes e cultura não conhecia, e passar os primeiros meses apenas com o seu marido, mas também passar muitas horas, todos os dias, completamente só, fechada em casa, quando o seu marido saía para trabalhar. Sofreu muito com o isolamento, esse confinamento forçado a que a pandemia obrigava foi terrível, estava feliz por estar com o marido, mas ao mesmo tempo, muito triste por se sentir tão sozinha, por não poder sair e conhecer o país onde vivia agora, falar com pessoas, perceber como era a vida, além de ter de viver também com as saudades da família e da Sérvia. Mas Rebeka não desperdiçava todo esse tempo livre, não passava os dias sem fazer nada, pelo contrário, definiu um objetivo e concebeu um plano de ação. Queria aprender português, aliás, era mais do que um desejo, era uma necessidade premente, pois tinha consciência plena de que só conseguiria arranjar um emprego, sair de casa como qualquer outra pessoa, se percebesse e falasse português. E foi assim que começou a dedicar grande parte dos seus dias a tentar aprender português, vendo televisão, usando a Internet e os seus muitos recursos e, assim, os dias foram passando.

Felizmente, a pandemia aliviou, as medidas restritivas da liberdade foram sendo eliminadas pouco a pouco, as pessoas começaram a sair mais para trabalhar e timidamente começaram também a sair para fins de convívio social. As lojas, cafés e restaurantes começaram a abrir e, em maio de 2021, Beka conseguiu arranjar um emprego através de um amigo do seu marido.

Considera que foi um primeiro sucesso, ao fim de dois meses de estadia num país desconhecido cuja língua lhe era completamente estranha, conseguir arranjar um emprego foi uma grande vitória e motivo de felicidade. Foi a uma entrevista num restaurante e conseguiu o emprego. Conseguimos perceber como a língua é uma questão muito importante para Rebeka. Faz questão de referir, mais uma vez, que quando chegou a Portugal, não falava nada de português nem percebia nada de português. Lembra novamente que aproveitou os dois meses que passou fechada em casa, sem ter nada para fazer nem ninguém com quem falar, para aprender a língua, mas, mesmo assim, era muito pouco aquilo que sabia dizer em português quando arranjou esse emprego no restaurante, refere que apenas sabia dizer duas ou três palavras. Mas abraçou a oportunidade que lhe deram. Não teve medo, queria mesmo sair de casa, poder ganhar o seu dinheiro, sentir-se útil e sentir que estava a evoluir. Começou a trabalhar no bar do restaurante, preparava as bebidas, não tinha de falar muito em português, diz Rebeka, mas de vez em quando, também servia às mesas e isso foi também uma oportunidade para aprender mais português, e Rebeka não a desperdiçou. Trabalhou nesse restaurante quase dois anos, no entanto, não fez amigos entre os colegas de trabalho, pois eram todos muito mais jovens do que ela, tinham cerca 18, 19 anos, não tinham assim tanto em comum que fizesse com que fosse fácil tornarem-se amigos. Conseguimos perceber como isso a deixava triste. Refletindo mais um pouco, talvez o facto de ter imigrado para um país totalmente desconhecido para acompanhar o marido tenha dificultado um pouco o processo travar conhecimento com outras pessoas, pois, como seria de esperar, estavam sempre um com o outro, mas foi essencialmente o momento que se vivia, em plena pandemia, e que eliminava qualquer contacto social entre as pessoas.

Recorda como foi difícil conhecer pessoas em Portugal, diz mesmo que no primeiro ano nem os amigos do marido conheceu, as pessoas tinham tanto medo do vírus que não se encontravam com ninguém, não havia convívios. Diz que os primeiros tempos foram muito muito difíceis, a solidão, o isolamento, não ter amigos por perto, não poder ter o conforto dos seus pais e irmã, nem sequer podia sair do país por uma questão administrativa, enquanto não obtivesse a sua autorização de residência não podia sair de Portugal, durante sete ou oito meses não foi possível sair, sentia-se presa, sozinha, sem perspectivas, mas nunca esmoreceu, pois tinha o apoio do marido que a confortava nas horas mais difíceis. Refletindo sobre as suas impressões dos portugueses, Beka explica que nunca se sentiu discriminada. Fala do marido, dizendo que tem muitos amigos, portugueses, que o aceitam como português e que também ela se sente integrada entre eles, nunca a puseram de parte por ser estrangeira. Fala do seu novo emprego como gestora de ciência numa grande universidade em Lisboa onde trabalha há cerca de 6 meses. Como nunca deixou de estudar para melhorar o seu português, nunca desistiu, conseguiu mudar de emprego. Deixou o restaurante, passou a ter um horário de trabalho mais fácil, está satisfeita. No seu local de trabalho, refere, nunca se sentiu discriminada por ser estrangeira, nunca sentiu que gostavam menos dela por não ser portuguesa, nunca ninguém olhou de soslaio por ela por ter um sotaque estranho quando fala português. Também percebe que o ambiente da universidade é especial, é um local onde convivem pessoas de muitas nacionalidades, onde se falam muitas línguas, onde as pessoas nem sequer se lembram de quem é de que nacionalidade, isso é totalmente irrelevante, o que faz com que o ambiente seja excelente, faz com que a pessoa se sinta realmente integrada. No entanto, Beka tem consciência de que não é essa a situação de todos os imigrantes, longe disso. Os imigrantes que são oriundos de países europeus sentem-se, em regra, muito bem-vindos, são muito bem tratados pelos portugueses, integram-se muito bem e muito depressa. Mas já ouviu comentários sobre a discriminação sentida por imigrantes de outras origens que não a Europa. Refere até um episódio em que alguém comentava que o seu nome, Beka com k, era curioso, “mas como é Beka da Sérvia, tudo certo, mas se fosse Beka do Brasil, hum, já não era bem a mesma coisa”, talvez fosse diferente, sorri meio embaraçada.

Para Beka, o processo de integração tem sido um pouco sofrido, mas diz que “tem sido positivo”, não tem grandes motivos de queixas, a burocracia e os serviços públicos são o pior de tudo. Fala, mais uma vez, das suas dificuldades com a língua portuguesa. De início tinha imensas dificuldades, diz que ainda tem, apesar de ter melhorado bastante, mas sempre foi ajudada, as pessoas foram sempre muito compreensivas e simpáticas com ela, ajudavam-na sempre, faziam-lhe elogios quando percebiam que estava há pouco tempo no país, “só está há seis meses cá e já consegue falar português assim tão bem”, lembra-se de lhe dizerem, e diz ainda “é muito bom ouvir isso, a pessoa sente-se acolhida, faz-nos bem”. Beka sente-se integrada, não se sente à parte na sociedade portuguesa, o seu emprego, em virtude do ambiente cosmopolita que se vive na universidade, também tem ajudado muito nessa integração. As pessoas conhecem a Beka, gostam da Beka, ninguém quer saber se Beka se escreve com K, se Beka é sérvia, espanhola, portuguesa, ou brasileira. E isso é bom, contribui para a autoconfiança da pessoa.

Devido a ter imigrado para se juntar ao seu marido que já vive no país há bastantes anos, nunca sentiu necessidade de procurar uma associação ou organismo de apoio a imigrantes, o que é perfeitamente compreensível, sabe que existem, mas não consegue identificar nenhum. Quando lhe perguntamos sobre a evolução dos seus sentimentos relativamente a imigrar, a viver num país estrangeiro, neste caso, em Portugal, Rebeka diz “acho que estou no meio, estou a fazer um caminho, a evoluir”. Quando chegou, devido às extremas dificuldades que enfrentou, queria ir embora para o seu país, a Sérvia, estava sempre a falar no mesmo, voltar à Sérvia, dizia, muitas vezes, ao marido que podiam pensar na hipótese de regressarem, só pensava em regressar, voltar às suas origens, à sua família, Mas, desde o início que o marido sempre lhe disse que se sente muito melhor em Portugal do que na Sérvia, não quer ir embora, tem a sua vida perfeitamente organizada e estável, aqui. E, agora passados, estes dois anos e meio desde que chegou, Rebeka diz que já se sente mais confortável em Portugal, já equaciona a hipótese de ficar em Portugal, não sabe se para toda a vida, é claro, mas, pelo menos, num futuro mais próximo.

No entanto, a vontade de regressar ao seu país, para junto dos seus pais, está sempre presente, a língua, por vezes, também ainda é um desafio, reconhece e percebe as palavras, mas é difícil perceber o sentido, mas não vai desistir. sonhos por cumprir e vai conseguir, disso tem a certeza, e se for em Portugal, junto do seu amor, será em Portugal.

Marco

Palavras-passe: segurança, sonhos, sucesso, estabilidade, liberdade

Resumo

Esta é a história de um jovem brasileiro que imigrou para Portugal após receber uma oferta de emprego. A principal razão pela qual ele imigrou não foi tanto uma motivação financeira, mas principalmente a necessidade de se sentir livre e seguro. Fala sobre como a vida é diferente em Portugal e como sente falta dos amigos e da família, mas, ao mesmo tempo, não se arrepende de ser imigrante, sente-se integrado, livre e feliz .



HISTÓRIA

O Marco é um jovem brasileiro que se mudou para Portugal porque recebeu uma proposta de trabalho que lhe pareceu muito interessante. Nunca tinha pensado em imigrar, não pensava sair do seu país, mas aproveitou a oportunidade e veio para descobrir um novo país e uma nova cultura com tudo o que isso implica. O Marco tem 27 anos e é brasileiro. Teve uma infância e uma adolescência felizes, normais, estudou, enfim, uma vida que evoluiu normalmente, sem grandes sobressaltos. Viveu no Brasil durante toda a sua vida até que um dia decidiu abandonar a beleza da linda cidade de São Paulo e mudar de ares.



Recebeu uma proposta de emprego para trabalhar na área de desenvolvimento de software e decidiu aproveitar a oportunidade. Veio para Portugal. Para trás, deixou o seu país, a família, os amigos, a sua cultura e tudo o que lhe era familiar, em suma, um país que ama e onde ainda se encontram os seus pais e familiares mais próximos e também amigos de quem sente tanta falta.

Explica que teve muita sorte na sua vida profissional, mas com toda a certeza, não foi apenas sorte, foi também competente e dedicado, empenhou-se, fez os seus estudos e começou a trabalhar em 2015, na área das novas tecnologias, sempre em grandes empresas, no Brasil. Diz que a sua vida era bastante confortável, uma família que sempre o acompanhou e esteve ao seu lado, um bom emprego, uma casa simpática, boa saúde, um grupo de amigos com quem convivia regularmente e com quem contava em caso de necessidade. No entanto, começou a sentir que algo não estava bem, sentia a falta de alguma coisa, nem sabia explicar muito bem o que era, provavelmente, ainda hoje não sabe explicar que sensação era essa que o fazia viver o seu dia-a-dia com alguma inquietude, com uma pontinha de angústia. Apenas sabia que a sua vida assim, como estava, já não era suficiente, já não fazia muito sentido, começou a não se sentir feliz. Queria mais qualquer coisa. Menciona também um dos motivos que estava sempre presente no seu pensamento quando começou a equacionar se deveria deixar o seu país: a insegurança da vida numa cidade com a dimensão de São Paulo e o elevadíssimo nível de violência. Não poder andar descontraidamente na rua com medo de ser assaltado, ou ainda pior, ser baleado, ou mesmo até morto, não poder sair de casa ou do trabalho sem deixar de pensar se conseguiria chegar bem e vivo ao seu destino, estar sempre preocupado com a segurança dos seus familiares e amigos, todos estes pensamentos eram uma fonte muito grande de preocupação e ansiedade que não o deixavam aproveitar os bons momentos, estavam a fazê-lo sentir-se esmagado, frustrado, sempre preocupado, triste, mal-humorado até.

Estava cansado, muito cansado, queria sentir-se livre e em segurança e, definitivamente, São Paulo não era o sítio ideal para ter essa vida com que tanto sonhava. E até ter tomado consciência dessa necessidade tão premente de mudar de vida, nunca tinha pensado muito a sério em sair do seu país.

Como tantas outras pessoas, o Marco mantinha um perfil no LinkedIn e costumava percorrer as ofertas de emprego dessa rede social à procura de novas oportunidades profissionais, pois sabia que na sua área, com a sua experiência, mais tarde ou mais cedo, surgiria uma boa oportunidade, e o LinkedIn era um bom recurso para tal. Marco sabia que tinha uma boa formação, já tinha alguma experiência profissional, sempre em boas empresas, tal como já referido. E a oportunidade que tanto procurava chegou, em 2022, aliás, foram até várias oportunidades que surgiram, tendo sido contactado por mais do que uma empresa da área das novas tecnologias em Portugal que lhe fizeram propostas de trabalho interessantes. Marco apenas teve de escolher a que mais lhe agradou, em termos do desafio profissional que representava e também das condições oferecidas. Era o seu passaporte para a Europa. Não foi difícil tomar a decisão de imigrar pois, como o próprio não se cansou de referir durante a entrevista, estava cansado da vida no Brasil, da violência, queria ter a oportunidade de fazer algo novo e diferente, algo que desse mais significado à sua vida, queria ter novas experiências, conhecer outras perspetivas, ver a Europa, e Portugal parecia ser o país ideal para tal. Não hesitou por um momento, apesar de lhe ter custado deixar, principalmente, os seus pais. O facto de no seu país de origem e no país de acolhimento se falar a mesma língua também teve o seu peso relevante na decisão, e não só a língua, de certa forma, existe uma ligação emocional entre os dois países, por uma história partilhada durante séculos. Tudo se conjugou para que, aquilo que uns tempos antes, parecia virtualmente, impossível, se tornasse realidade em muito pouco tempo.

E foi assim que chegou a Portugal, já com a segurança de um emprego, com um contrato de trabalho válido e com um visto, o que, como é sabido, não acontece com a grande maioria dos imigrantes, e faz toda a diferença em muitos aspetos, não só práticos e administrativos, mas até sociais. Não ter de passar por todas as difíceis etapas de arranjar um trabalho ao mesmo tempo que se tem de tratar do processo de legalização é, por si só, meio caminho andado para uma boa integração. Tal como Marco refere, é a diferença entre começar com o pé direito, já à frente e começar muito atrás, ter de se sujeitar a empregos precários, mal pagos, que ninguém quer fazer. Deve ser muito duro, imagina Marco, ele sabe que é muito duro estar longe de tudo o que nos é querido, e ainda por cima, passar por dificuldades. Talvez sentir o desespero de não ver a vida avançar para a frente, longe de tudo o que se conhece, ser olhado com desconfiança ou com desmerecimento só porque se é estrangeiro. Marco nunca soube o que é isso, mas refere que sempre ouviu histórias desse género.

Mas voltando à sua chegada, estava agora num país totalmente novo, do qual, na realidade, pouco sabia, a não ser pelos relatos que ocasionalmente chegavam ao seu conhecimento, experiências mais ou menos difíceis, mais ou menos felizes, de outros compatriotas seus, como faz questão de referir uma e outra vez. Uns falavam maravilhas de Portugal e dos portugueses, outros nem por isso, pelo contrário, falavam em discriminação, xenofobia, diziam-se maltratados, sentiam-se vítimas de comentários desagradáveis, viam ser-lhe recusadas coisas simples, como alugar uma casa. Alguns tinham-se integrado totalmente na sociedade do país de acolhimento, convivendo mais com portugueses do que com outros imigrantes brasileiros. Mas também lhe chegavam muitas histórias de imigrantes cuja integração era praticamente nula, esperavam eternidades pela legalização dos seus documentos, o que fazia com que só conseguissem encontrar trabalhos precários, viviam fechados no seu mundo, apenas convivendo com outros imigrantes brasileiros, o que também não era benéfico para as suas vidas.

Enfim, muitos até havia que acabavam por ficar sem dinheiro e sem teto para se abrigar, tendo mesmo de pedir dinheiro emprestado para voltar ao Brasil, arrastando consigo alguma vergonha pela falta de sorte e pelo falhanço da sua aventura em terras europeias. Porque afinal de contas, ser imigrante não é fácil! Quem disser o contrário, não está a falar a verdade, refere Marco. E a sua história, acrescenta, não lhe parece ser a típica história de um imigrante brasileiro em Portugal.

E continua o seu relato da sua chegada a Portugal, como foram duros os tempos longe de casa, longe da família e dos amigos, apesar de se sentir bem no país, apesar de ter um bom emprego. Começar uma vida do zero, trazendo apenas umas malas com roupas e muitos projetos e sonhos. Fala das dificuldades que encontrou, fala várias vezes da solidão, repete que tem consciência de que o seu percurso tem sido bastante mais fácil e menos exigente do que o de outros imigrantes, principalmente, imigrantes brasileiros, que são quem conhece melhor.

Mas como tudo, não existem países perfeitos, e Portugal certamente não é um país perfeito, longe disso. Existem muitos problemas com que os portugueses são confrontados na sua vida diária e se já é difícil para os portugueses, para os imigrantes é ainda mais difícil, diz Marco. Um dos grandes desafios para os imigrantes é, por exemplo, encontrar uma casa para arrendar. Marco refere como o preço das casas não é equilibrado com os salários que as pessoas recebem no país, principalmente, nos últimos tempos. É quase impossível, para a maioria das pessoas, viver no centro da cidade e, mesmo nos arredores, também é muito difícil. A solução é partilhar casa e, de preferência, longe de Lisboa, pois em Lisboa os preços são absurdos, diz Marco. Mas viver longe implica perder muito tempo em transportes públicos para ir trabalhar e depois regressar a casa. Outro problema quando se procura casa está relacionado com o facto de os portugueses, muitas vezes, não quererem alugar a casa a imigrantes, com receio do barulho, dos estragos que as casas possam vir a sofrer, pois sabem que, para os imigrantes conseguirem pagar as rendas que lhes pedem, têm de ser várias pessoas a partilhar uma casa e restantes despesas. Nesse momento, sente-se a discriminação na pele, custa muito sentir que não confiam em nós só porque somos estrangeiros, refere Marco.

Outro dos fatores que Marco refere como sendo um grande entrave a uma boa integração, como sendo, mesmo, a parte mais negativa, mais desesperante, na vida de um imigrante quando chega a Portugal, é o processo de legalização junto das autoridades portuguesas. Toda a burocracia, a ausência quase total de apoio, de informações claras, a pouca disponibilidade para ajudar e a pouca simpatia de muitos funcionários, os tempos de espera que são absurdamente longos, tudo contribui para que a experiência seja verdadeiramente um calvário, refere Marco. No topo da lista, coloca o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, um organismo desumanizado, que parece funcionar de forma arbitrária, sem grande respeito pelas pessoas e pelas suas vidas, causando um desalento muito grande, muitas vezes, levando até as pessoas a desistirem. Também a Segurança Social funciona muito mal, não há resposta em tempo útil para ajudar os imigrantes a resolverem a sua situação no país. Até em assuntos que, à primeira vista, podem parecer mais simples, como a emissão de uma carta de condução, as coisas não funcionam. Parece não existir um padrão de funcionamento. Marco conta alguns amigos conseguiram obter a transferência da sua carta de condução em 10 dias e outros tiveram de esperar 8 meses. Um autêntico pesadelo, diz Marco, ressaltando, no entanto, que o processo para ele não foi tão complicado nem tão traumatizante, pois chegou ao país com um contrato de trabalho válido e com um visto, não tendo, assim, passado por muitas das situações difíceis relatadas pela grande maioria dos seus compatriotas. Outra das dificuldades que Marco refere é o preço do custo de vida. Tudo é muito caro em Portugal quando se compara com os salários que se recebem. Os preços da comida são muito altos, mesmo para quem tem um bom emprego, como é o seu caso. Também as restantes despesas fixas exigem muito dinheiro mensalmente, deixando pouco dinheiro livre ao fim do mês para atividades de lazer ou para poupanças.

Mas todos estes aspetos negativos que refere, alguns mesmo muito negativos, nas suas próprias palavras, não o fazem querer regressar ao seu país de origem.

Quando lhe perguntamos o que esperava quando veio para Portugal, quais eram as suas expectativas, Marco confessa que não sabe muito bem. A certeza que tinha na altura em que tomou a decisão de imigrar era que queria vir, queria experimentar.

Sente-se muito bem integrado, diz que tem uma vida boa, tem os seus hobbies, jogar videogames como, por exemplo, League of Legends (um dos seus preferidos), passar tempo com os amigos, ir à praia. Diz que nunca sentiu necessidade de pedir ajuda junto de associações que apoiam imigrantes, mas conhece algumas, através de amigos, sabem que são uma ajuda preciosa para muitos, não só quando chegam, pois auxiliam nos processos burocráticos, facilitam procedimentos, orientam as pessoas, mas também durante a permanência no país de acolhimento. Estas associações servem de importante ponto de encontro onde se partilham histórias, onde os imigrantes se sentem um pouco em casa, no seu país, junto daquelas pessoas com quem partilham uma história e uma cultura. Pessoas com quem podem falar do seu Brasil, das suas cidades, de tudo o que lhes é mais querido, pessoas com quem podem partilhar refeições que são também uma forma de estarem mais perto de tudo o que ficou para trás, do outro lado do oceano e de que sentem tanta falta.

Mas quando fala da sua vida em Portugal, Marco diz com grande satisfação que o que o deixa mesmo feliz é poder andar nas ruas sozinho sem ter medo de ser assaltado, baleado ou morto. Conta que, finalmente, sente uma liberdade que nunca tinha experimentado antes, enquanto viveu no seu país. E essa liberdade e essa felicidade não têm preço, valem todos os sacrifícios, valem todos os contratempos e todas as dificuldades, todos os momentos menos felizes que surgem sempre quando vivemos num país que não é o nosso, longe daqueles que são o nosso porto de abrigo, que tanta falta nos fazem. A segurança com que se vive em Portugal é um dos motivos que fazem com que Marco se sinta muito bem.

O outro grande motivo são as pessoas em Portugal. Até ao momento, não tem razões de queixa no que toca a situações de discriminação, sempre se sentiu bem recebido, sente que faz parte, não se sente um estranho entre o povo português, segundo as suas palavras.

Sempre se sentiu bem e apesar de um ótimo processo de integração, quando se lembra do início, dos primeiros tempos, ri-se muito. Fala na língua portuguesa, um fator determinante na escolha que muitos dos seus compatriotas fazem relativamente ao país para onde pretendem imigrar. No Brasil, o sistema de ensino é muito fraco quanto ao ensino de línguas estrangeiras no ensino público. A grande maioria dos brasileiros só fala português, nunca teve a oportunidade de aprender inglês, por exemplo, como tal, a escolha de Portugal é óbvia, precisamente por esse motivo, porque os dois países partilham a mesma língua, o que facilita a vida do imigrante, é um problema a menos com que têm de lidar, podem arranjar empregos mais facilmente do que os imigrantes que não falam português.

E Marco continua a lembrar, entre gargalhadas, como no início, quando chegou a Portugal, não percebia muitas das coisas que as pessoas lhe diziam, o que para ele foi surpreendente, algo confuso, um choque até, e agora, quando fala nisso, sente até alguma nostalgia desses primeiros tempos, das pessoas que conheceu quando chegou. Como tudo era novo e surpreendente. Recorda como pedia para falarem mais devagar, para repetirem uma e outra vez até que finalmente lá percebia o que lhe estavam a dizer. “Como é possível”, pensava ele na altura, “falarmos a mesma língua e eu não os conseguir perceber?” Mas com o passar do tempo, com calma e perseverança, e também com a ajuda das pessoas simpáticas com quem se foi cruzando, adaptou-se, venceu essa barreira e, hoje em dia, percebe os portugueses até bem demais, diz com alguma ironia e com um ar malandro.

Marcos repetiu várias vezes ao longo da entrevista que, provavelmente, a sua história não é a típica história do imigrante brasileiro que vem para Portugal. Sabe que a sua experiência é um pouco diferente por ter vindo com um plano definido e com a segurança de um contrato de trabalho com a segurança do apoio da empresa para onde veio trabalhar e, aliás, onde ainda continua. Ter trabalho garantido, um contrato de trabalho que lhe assegura cuidados médicos, um visto que legaliza a sua permanência no país, tudo isto faz toda a diferença. Ele sabe como a situação não corresponde à realidade da maioria dos imigrantes que se encontram em Portugal.

E o futuro, Marco? Quais são os planos para o futuro, Marco? Esta é uma pergunta que Marcos faz a si mesmo muitas vezes, não porque não saiba a resposta, mas porque é uma pessoa estruturada, segundo ele, que gosta de pensar na sua vida, de acordo com as suas próprias palavras. Gosta de fazer planos, tem sonhos, expectativas, gosta de viver, acima de tudo. É apaixonado pela vida, mas uma vida com qualidade, sem medo, uma vida plena de liberdade e feliz.

Diz que não sabe o que o futuro lhe reserva, ninguém pode saber, mas sabe bem o que quer e o que não quer, aquilo de que gosta e não gosta, o que o faz feliz. E voltar a viver no Brasil não faz parte dos seus planos. Não que não adore o seu país, pelo contrário, tem os seus pais queridos no país que o viveu nascer, tem a sua família, os seus amigos. Mas aqui em Portugal, Marco gosta da sua vida, sente que contribui todos os dias com algo para sociedade, sente que tem o seu lugar aqui. Acima de tudo, tem a liberdade com que sempre sonhou quando vivia no Brasil. Essa liberdade de poder levantar-se de manhã cedo e correr pelas ruas da cidade, ou num parque, sem ter medo de levar um tiro, a liberdade de passear na praia sem medo de ser assaltado, a liberdade estar numa qualquer esplanada ao fim da tarde, a saborear uma bebida gelada, descansado, descontraído, apenas a usufruir do momento. Quanto ao futuro, chega todos os dias, e por agora, o futuro do Marco é em Portugal, onde se sente feliz.



Klevis

Palavras-chave: esperança, oportunidades, felicidade, família

Resumo

Klevis é um imigrante da Albânia de dezoito anos. Após uma longa conversa, Klevis confidenciou-me que a sua principal preocupação era a falta de oportunidades que ele e outros jovens da sua idade tinham. Referiu que essa era a sua principal preocupação. A sua proficiência limitada na língua impediu-os de terem sucesso no ensino básico. Apesar de o tempo passar rapidamente, a sua inteligência nunca esteve à altura da dos seus colegas..

HISTÓRIA

Klevis é um jovem de 18 anos, nascido na Albânia que foi obrigado a escolher uma vocação pragmática em vez de académica para satisfazer as suas necessidades. Por motivos financeiras e laborais, o seu pai emigrou para a Grécia quando ele tinha dois anos. Um ano depois, foi a vez dele, da sua irmã e da mãe. Os primeiros anos na Grécia foram desafiadores devido ao facto de ele e a sua irmã serem ambos muito jovens. Como resultado, a mãe não teve outra escolha senão ficar em casa e cuidar deles, em vez de procurar emprego e complementar os rendimentos da família. Na época, o seu pai era o único que tinha emprego. Quando terminaram a escola primária, a mãe adquiriu progressivamente conhecimentos de grego, frequentando aulas noturnas em Karditsa e trabalhando como empregada de limpeza em várias famílias.

No início do seu percurso escolar, a sua formação bilingue apresentou desafios maiores do que a dos seus colegas. Os seus pais não tinham estudos e falavam principalmente a língua albanesa em casa, pois não eram fluentes em grego. Quando Klevis precisava de apoio depois da escola, não podiam ajudá-lo com os trabalhos de casa. O professor informou os seus pais que, apesar do seu progresso considerável, ele poderia continuar a lutar contra as suas dificuldades de aprendizagem. O professor aconselhou-os a deixarem-no continuar os estudos, acrescentando que, embora prestassem assistência, não conseguiriam resolver os seus problemas. Os seus primeiros anos escolares foram mais desafiadores do que os dos seus colegas devido ao facto de ter sido criado numa família bilingue. Tendo sido criado num agregado familiar com duas línguas distintas, com pais que não conseguiam ajudá-lo com a escola, ele teve dificuldade em acompanhar o ritmo dos seus colegas em turmas diferentes e foi obrigado a frequentar aulas de apoio disponibilizadas pela escola. Isto marcou o seu encontro inicial com o tratamento discriminatório por parte dos seus colegas, uma vez que era o único aluno da sua turma obrigado a frequentar aulas de apoio. Todas as outras crianças tinham um professor particular em casa. No entanto, ultrapassou a maioria dos obstáculos até que os seus pais foram informados pelo professor de que estava a enfrentar dificuldades de aprendizagem que talvez nunca superasse totalmente. O professor avisou-os que tudo o que poderia fazer era continuar a estudar e, mesmo que implementassem técnicas para melhorar o desempenho académico, ele não conseguiria superar completamente as suas dificuldades de aprendizagem. Quando Klevis entrou no ensino médio, enfrentou um número maior de desafios. Foi obrigado a ter aulas de grego antigo, decorar a história e elaborar trabalhos complexos em grego formal. Todas estas atividades foram difíceis para ele.

Para ajudar financeiramente a família e poder pagar as aulas noturnas, o seu pai sugeriu que arranjasse um emprego noturno, ajudando um mecânico de automóveis numa oficina, uma vez que um dos seus hobbies mais queridos era aprender como funcionam as máquinas de carros e motocicletas. Desde cedo, soube através do pai e de outros amigos como trabalhar com automóveis, então esta oportunidade foi ótima para ele.

Klevis, ao terminar o primeiro ano do ensino médio, decidiu matricular-se numa escola profissional com a intenção de se formar em engenharia automóvel. Isto pode ser atribuído ao facto de que a sua ocupação produziu benefícios além das suas expectativas iniciais. Após a conclusão do ensino profissional, realizou um estágio remunerado num estabelecimento especializado na área da engenharia automóvel. Teve a oportunidade de adquirir os conhecimentos teóricos e práticos necessários para se tornar um profissional nesta área enquanto frequentava uma escola profissional. Por fim, conseguiu e atualmente trabalha na oficina mecânica onde concluiu o seu estágio.

Após um extenso diálogo com Klevis, ele revelou-me abertamente que o obstáculo mais relevante que encontrou não foi o preconceito de outras crianças, mas sim a falta de oportunidades para ele e para crianças como ele. Ao ingressar no ensino básico, ainda não tinham conhecimentos da língua e, durante o período escolar, não conseguiu acompanhar o ritmo escolar dos seus colegas. Consequentemente, embora os anos passassem rapidamente, ele nunca conseguiu igualar a capacidade intelectual dos seus pares. Por causa disso, o seu único recurso foi seguir uma área profissional e pragmática, em vez de optar por um percurso académico.



Stefka

Palavras-chave: migração, racismo, barreiras linguísticas

Resumo

“Foi uma decisão difícil, mas tive de a tomar”. Stefka nasceu numa aldeia perto da Roménia, no norte da Bulgária. Após o abandono do pai e os graves problemas de saúde da mãe, ela e os irmãos foram criados pelos avós desde tenra idade. Enfrentou racismo e ódio porque era uma imigrante com poucos direitos. Apesar de se ter casado com um grego, enfrenta discriminação e racismo. Há um ano, solicitou um documento junto de um serviço público que comprovasse a sua herança grega. As autoridades inicialmente retiveram o documento e iniciaram a verificação de identidade. Deseja obter um segundo diploma para melhorar as suas perspetivas de emprego.



HISTÓRIA

Stefka nasceu numa pequena cidade perto da fronteira romena, no norte da Bulgária. O seu pai abandonou-a a ela, à sua mãe e aos seus irmãos quando eles eram muito pequenos; a sua mãe teve problemas de saúde graves durante a infância, por isso, foi criada principalmente pelos avós. Foi obrigada a começar a trabalhar aos doze anos, desempenhando funções tipicamente exigentes pelas quais ninguém mais se interessava. Por volta dos dezesseis anos, ainda bem jovem, decidiu emigrar. Tomou a decisão de viajar para a Grécia devido a ser facilmente acessível de autocarro e à opção adicional de partir a pé em caso de emergência, conforme detalhou. Além disso, a Grécia era o país mais próximo para onde ela poderia viajar legalmente, dada a facilidade com que obteve os documentos necessários.

Ela e outros búlgaros residiram em Salónica durante alguns meses após a sua chegada à Grécia, período durante o qual procurou emprego. À medida que a primavera se aproximava, foi-lhes oferecido emprego agrícola em Trikala, desempenhando uma variedade de tarefas no campo e nas vinhas. Apesar da sua proficiência limitada em grego, decidiu mudar-se para Trikala. Aí permaneceu durante mais de três anos consecutivos. Aprendeu grego através da interação com os habitantes locais e com o seu chefe.

Depois disso, tomou a decisão de obter um certificado de língua grega através da ANKA, uma organização local que apoia ativamente a integração de imigrantes e refugiados e trabalha com esta população.

Obteve um certificado de língua grega antes de se matricular numa escola profissionalizante com a intenção de seguir carreira em enfermagem. Continua a trabalhar como enfermeira atualmente.

No início, foi difícil fazer amigos na Grécia; no entanto, isso mudou assim que aprendeu a língua. O principal e mais significativo obstáculo que ela encontrou foi a falta de competências linguísticas.

Encontrou racismo e ódio, principalmente devido ao facto de ser uma imigrante com poucos direitos. Apesar de ser casada com um grego, ela continua a enfrentar discriminação e racismo em vários contextos. Há um ano, solicitou junto de um serviço público um documento que atestaria a sua herança grega. Inicialmente, as autoridades recusaram-se a fornecer o documento e, em vez disso, iniciaram protocolos para verificar a legitimidade da sua identidade. Seguindo em frente, ela aspira obter um segundo diploma para ampliar as suas perspectivas de emprego.



Kinan

Palavras-chave: esperança, progressão na carreira, oportunidades, repatriamento

Resumo

Um estudante de medicina do Líbano, Kinan, chegou à Grécia para estudar com uma bolsa de estudos e vive e trabalha no país há mais de 9 anos. É um indivíduo bem-educado que aspira concluir os seus estudos e regressar ao seu país de origem e fazer carreira lá.

HISTÓRIA

Kinan é um jovem libanês de 29 anos que atualmente estuda medicina. Dado que o seu pai é médico no Líbano, desde cedo, Kinan estava determinado a seguir as pisadas do seu pai. No entanto, devido ao elevado custo do ensino superior no Líbano, a sua família não tinha condições de pagar as propinas. Assim, movido pela aspiração de seguir a carreira médica e conhecer outras culturas e civilizações, candidatou-se a uma bolsa para realizar estudos na Europa, acabando por emigrar para a Grécia aos 20 anos. Kinan teve uma infância linda na sua cidade costeira, Byblos. Cresceu num ambiente agradável, cercado pelos pais e duas irmãs mais novas.

Infelizmente, em 2006, quando Kinan tinha 16 anos, assistiu à Batalha de Bint Jbeil que durou um mês. Foi um acontecimento que marcou a sua vida e o moldou como pessoa, contribuindo inclusivamente para a sua decisão de migrar e prosseguir o ensino superior na Europa.

A sua primeira impressão da Europa foi bastante agradável. Ao chegar, foi recebido por familiares que o auxiliaram a ultrapassar a ansiedade inicial de estar longe de casa. Kinan ficou angustiado e inseguro durante algumas semanas devido ao facto de estar num país estrangeiro com pessoas que falavam uma língua que lhe era estranha. O medo inicial de ficar longe de casa rapidamente diminuiu quando começou a frequentar cursos de língua grega com colegas, paralelamente aos estudos, o que lhe permitiu interagir com outras pessoas. No entanto, Kinan nunca experimentou essa barreira linguística, pois é um indivíduo extremamente sociável que gosta de interagir com outras pessoas e rapidamente fez amizades na comunidade local.

Após a obtenção do certificado de língua grega, Kinan optou por procurar emprego além dos estudos para se sustentar melhor. Apesar de ser um indivíduo instruído que fala árabe, francês, inglês e grego, teve dificuldades em encontrar emprego na Grécia. Acredita que isto se deveu principalmente à situação financeira do país, e não à sua nacionalidade diferente. No entanto, sentiu que, em algumas circunstâncias, as empresas prefeririam contratar um habitante local.

Kinan foi voluntário na Cruz Vermelha Helénica como consultor médico e intérprete, prestando ajuda humanitária a refugiados e migrantes que chegam por mar. Num esforço para ajudar os necessitados, também ofereceu trabalho voluntário em campos de refugiados. Isto também lhe deu a oportunidade de adquirir experiência prática na área dos seus estudos. Os seus conhecimentos práticos e competências no setor dos serviços permitiram-lhe garantir um emprego; atualmente está a concluir a licenciatura e a trabalhar como intérprete freelancer.



Quando questionado sobre quaisquer obstáculos ou desafios que possa ter encontrado durante a sua integração na nova sociedade, afirmou que nunca encontrou nenhum, a não ser as saudades de casa. Em momentos de necessidade, recebeu ajuda do seu círculo de amigos gregos, que sempre foram muito gentis e estiveram sempre prontos a auxiliá-lo no que fosse possível.

Relembrando a sua vida na Grécia, Kinan afirmou que não tem sido estranha para ele, visto que é originário de um país mediterrânico onde a gastronomia e a cultura são comparáveis. Em geral, foi recebido com simpatia pelos povos da Europa e a sua experiência pode ser descrita como muito positiva. Embora não tenha enfrentado desafios significativos, a sua aspiração para o futuro inclui a conclusão da licenciatura e a especialidade em Otorrinolaringologia. Por fim, espera que depois de se formar na Faculdade de Medicina e adquirir alguma experiência clínica, possa regressar ao seu país de origem e aí trabalhar, de modo a estar mais próximo da sua família.



AURORA

Palavras-chave: tolerância, culturas diferentes, coesão social, cooperação internacional

Resumo

“Inicialmente, escolhi vir para a Tunísia para trabalhar. Foi inegavelmente desafiador. Lutei com barreiras linguísticas e ser mulher neste novo mundo representava um desafio significativo. No entanto, à medida que perseverei, aprendi com os meus colegas tunisinos, superei inúmeros desafios e, no fim, descobri que foi a melhor e mais fortalecedora experiência da minha vida.”

HISTÓRIA

Em 2019, aos 28 anos, Aurora, uma jovem italiana, iniciou uma viagem para a Tunísia, um país significativamente diferente do seu. Qual é a missão dela? Trabalhar e destacar-se no campo da cooperação e desenvolvimento internacional. Estava determinada a dar um contributo construtivo ao país anfitrião, munida de uma licenciatura em ciências diplomáticas e de um mestrado em direitos humanos e governação multinível.

Aurora, uma leitora ávida e apaixonada por ioga, viajou para a Tunísia, um país com línguas e culturas desconhecidas. As suas competências digitais variavam entre baixas e médias-baixas, destacando os desafios que enfrentava numa sociedade onde o acesso à informação para os migrantes era limitado e a população local geralmente não tinha consciência das necessidades dos migrantes.

Salientou a necessidade de dar aos migrantes uma plataforma para se expressarem com as suas próprias palavras e apresentarem uma imagem precisa de si mesmos. As suas principais técnicas de integração incluíam tornar-se mais sociável, ter a mente aberta e estar disposta a apreciar outras mentalidades. Mas o caminho não foi isento de obstáculos. A comunicação com a comunidade local foi inicialmente difícil devido às barreiras linguísticas. Aurora, como muitos outros migrantes, lutou por ser mulher numa cultura diferente da sua. Isto levou a casos de assédio sexual e intimidação, enquanto navegava pelos terrenos desconhecidos dos códigos de vestuário e das normas sociais.

Aurora enfrentou desafios igualmente exigentes. Ao chegar à Tunísia, não tinha qualquer experiência profissional anterior e teve de se adaptar aos seus colegas tunisinos, às suas abordagens de trabalho e ao intrincado quadro jurídico do país.

Refletindo sobre a sua experiência, Aurora declarou veementemente: “A minha experiência foi incrível sob todos os pontos de vista; para o meu crescimento pessoal e profissional, foi a experiência mais importante da minha vida”. As suas palavras transmitiram uma mensagem de capacitação e desenvolvimento pessoal, um testemunho da sua jornada de resiliência e aprendizagem. O seu envolvimento em vários projetos fortaleceu organizações sociais, ONG e autoridades locais. Através da sua dedicação, Aurora difundiu consciência e valores comuns, contribuindo para a melhoria da sociedade anfitriã. Até expressou o seu desejo de que o seu irmão seguisse um caminho semelhante.

No entanto, reconheceu que nem todos considerariam a sua uma jornada adequada. Os transportes caóticos da Tunísia e as condições de vida nada ideais podem não agradar a todos, especialmente aqueles que não são tão jovens ou enérgicos.

Quando questionada sobre as suas esperanças para a Tunísia, Aurora salientou a necessidade de coesão social. Acreditava que o reforço da comunicação entre as comunidades tunisinas e as comunidades de migrantes e refugiados era crucial para compreender as suas lutas e promover a tolerância. Fez referência aos acontecimentos de julho de 2023 em Sfax, que expuseram momentos de racismo e intolerância. Para combater estas questões, destacou a importância de os migrantes terem a sua própria plataforma, um canal para expressarem as suas perspetivas, o que mitigaria o risco de manipulação dos meios de comunicação social e aumentaria a sensibilização para os desafios que enfrentam.



Zaid

Palavras-chave: sucesso escolar, dificuldades financeiras, sonhos perdidos, novos sonhos

Resumo

“Inicialmente, cheguei com uma bolsa, mas rapidamente percebi que não era suficiente. A minha família teve de me enviar dinheiro para pagar a minha estadia. As barreiras linguísticas na universidade apanharam-me de surpresa – tudo era em francês, uma língua que eu não conhecia. Em busca de um emprego para ajudar a minha família, mudei o meu foco para uma área com menos horas de estudo. Perante os desafios, passaram-me pela cabeça pensamentos sobre emigração ilegal para a Europa. Mas, um dia, no metro, vi alguém a vender comida na rua, pela janela. Tive uma ideia, uma maneira de a aproveitar as minhas capacidades culinárias e trazer um pedaço do meu país para a Tunísi.”

HISTÓRIA

Zaid, um jovem palestino de 26 anos, concluiu o ensino secundário e ganhou uma bolsa para estudar no estrangeiro devido ao seu excelente desempenho nos exames, ficando em primeiro lugar. Ao chegar à Tunísia, enfrentou dificuldades financeiras, pois a bolsa que lhe foi concedida era insuficiente para cobrir as suas despesas de subsistência.

A sua viagem para a Tunísia apresentou vários desafios. Vindo de Gaza, que não tinha aeroporto, Zaid teve de passar pelo Egipto através da passagem fronteiriça de Rafah. Este percurso foi, muitas vezes, obstruído por motivos políticos, fazendo-o perder um ano na aprendizagem da língua. Quando finalmente chegou à Tunísia, fez um curso intensivo de dois meses para aprender a falar a língua.

A aspiração inicial de Zaid era tornar-se veterinário, uma área não disponível em Gaza. No entanto, descobriu que, na Tunísia, a admissão à escola de veterinária exigia a passagem pela escola preparatória, incluindo disciplinas desafiantes em francês, uma língua que ele não praticava.

À medida que o apoio financeiro da sua família começou a incomodá-lo, Zaid decidiu mudar para uma área com menos horas de trabalho e procurou emprego para se sustentar.

Após três anos, formou-se em biologia e passou no exame veterinário nacional. Embora tenha sido aceite, sentiu que era tarde demais, considerando o apoio financeiro que a sua família lhe tinha dado durante anos. Reiniciar a sua jornada educacional era impraticável, a sua mãe incentivou-o a regressar a Gaza e a procurar emprego, uma escolha que recusou devido à guerra e às restrições estruturais em Gaza. Confrontado com oportunidades limitadas, arranjou vários empregos para sustentar a sua pequena família quando se casou com uma mulher tunisina, usando o dinheiro da bolsa de estudos para financiar o casamento. Apesar das suas ambições, Zaid enfrentou a exploração por parte de vários empregadores que retiveram os seus salários, levando-o a sentir-se desamparado.

Na sua busca por uma vida melhor, Zaid equacionou a imigração ilegal para a Europa. Enquanto discutia esta ideia com a sua mulher durante uma viagem de metro, repararam num homem a vender comida na rua. Zaid pensou no prato tradicional palestino “kunafa”. Incentivado pela mulher e com o apoio dela, lançou o seu pequeno negócio de comida de rua.

No entanto, este caminho não foi nada fácil, pois Zaid encontrou numerosos obstáculos, incluindo a discriminação por parte das lojas locais e o assédio por parte de desordeiros que o forçavam a sair dos sítios onde se encontrava a vender.

Superar os obstáculos burocráticos para obter os documentos legais necessários e um cartão de residência revelaram-se um desafio assustador na Tunísia, Zaid estava desesperado, especialmente quando enfrentava uma recessão económica e preconceitos raciais.

Hoje, de jovem desempregado, Zaid transformou-se num empregador que dá emprego a sete pessoas. Os seus sonhos vão além de ter a sua própria loja e vencer os desafios burocráticos. Zaid vê o sucesso internacional, momento em que poderá deixar a Tunísia, administrando o seu negócio em vários países e deixando um impacto duradouro no mundo.

Apesar de ter alcançado sucesso e reconhecimento, descobriu que, muitas vezes, os meios de comunicação se concentravam apenas nas suas realizações, negligenciando os inúmeros desafios que havia superado.

Participar nos estudos de caso do projeto SeHeMe dá a Zaid a oportunidade de partilhar toda a sua jornada. Acredita que hoje, os migrantes podem finalmente ter voz e representação nos meios de comunicação social, permitindo-lhes comunicar e apoiar-se mutuamente na superação dos desafios, regras e leis do seu país anfitrião. Salientou a importância de ter uma revista online “HomeAway” que ofereceria ao país anfitrião uma visão genuína das vidas e lutas dos migrantes. Isto, por sua vez, tem o potencial de facilitar o processo de integração e promover a solidariedade entre gerações.



Ifemelu

Palavras-chave: aventura, trabalho árduo, determinação

Resumo

“Todas as experiências têm os seus altos e baixos. Seguindo os passos de um amigo da família, vim para a Tunísia em busca de aventura. Aceitei qualquer emprego que consegui arranjar para economizar dinheiro, desde babysitting até limpeza. Graças a muito trabalho e determinação, economizei o suficiente para realizar um programa de formação e obter um certificado. Hoje, administro o meu próprio negócio na Tunísia, dando emprego e apoio a outros. Também sou voluntária em eventos sociais, ajudando a minha comunidade a integrar-se melhor e partilhar os conhecimentos que adquiri.”

HISTÓRIA

Em 2013, Ifemelu embarcou numa aventura inspirada no notável sucesso da amiga da sua mãe na Tunísia. Esta amiga construiu uma vida confortável no país, tornando-se até proprietária de uma casa, o que acendeu uma faísca em Ifemelu para seguir esse caminho de promessas e oportunidades.

Desde que chegou à Tunísia, Ifemelu mergulhou de cabeça na experiência, assumindo uma série de empregos que surgiram no seu caminho. Das limpezas ao babysitting e trabalhos em restaurantes, ela abraçou todas as oportunidades, vivendo a sua nova vida com determinação e entusiasmo. A jornada de Ifemelu é uma prova do poder da resiliência e de um espírito ousado.

Com as suas economias suadas, frequentou um curso profissional de culinária e pastelaria para se equipar com as competências necessárias para criar o seu próprio negócio.

A jornada foi desafiadora, e navegar pelos processos burocráticos, documentação legal e autorizações governamentais demorou dois anos de persistência inabalável. Ifemelu contou-nos o segredo da sua integração na sociedade anfitriã dizendo: “Onde quer que vás, encontrarás tanto o bom como o mau”. Tudo faz parte da aventura! Mas o segredo é respeitar as leis do país anfitrião, abraçar a cultura desse país e valorizar a sua própria cultura.” No entanto, a sua jornada foi além do crescimento pessoal. Tratava-se de estabelecer ligações entre os migrantes e as comunidades locais, destacando a importância da comunicação e da partilha de experiências. Ifemelu envolveu-se profundamente em diversas organizações e na sociedade civil, demonstrando a sua dedicação ao trabalho social.

Em 2017, os seus sonhos empreendedores decolaram oficialmente quando começou a aceitar encomendas em casa. Para comunicar com os clientes e promover o seu negócio, uma amiga tunisina criou uma conta nas redes sociais para ela em 2016, uma ferramenta inestimável na sua jornada empreendedora. Mas a história de Ifemelu é mais do que apenas o sucesso empresarial; é uma inspiração. Além de criar um negócio de sucesso, ela comprometeu-se a ajudar outros imigrantes, provando que a determinação e o trabalho árduo podem levar a conquistas notáveis. Numerosos meios de comunicação social tomaram conhecimento do seu extraordinário sucesso, incluindo a OIM, os meios de comunicação italianos e a France 24, fazendo da sua jornada um modelo para outros migrantes que aspiram a realizar os seus sonhos. As suas ambições são abrangentes, transcendendo fronteiras. Ifemelu pretende estabelecer um negócio de culinária próspero à escala internacional, espalhando a sua experiência por todo o mundo. Está entusiasmada por ser incluída na revista “Home and Away” do projeto SeHeMe. Quer inspirar as pessoas com a sua jornada incrível e partilhar as suas experiências e capacidades com o mundo.